



O MITO E OS 500 ANOS DE BRASIL

Marilda Coan Antunes

Resumo: Este artigo faz um estudo das diferentes formas de como o mito foi referenciado no decorrer da história. Analisa questões ligadas as comemorações "Brasil 500 anos", como também o uso diversificado das linguagens, principalmente pela mídia.

Resumé: Cet article fait une étude des différentes formes selon lesquelles le mythe a été fondé au cours de l'histoire. Il analyse des questions liées aux commémorations "Brasil 500 ans", bien comme l'usage diversifié des langages, principalement par les moyens de communication de masse.

Palavras-chave: Discurso, História, História do Brasil.

1 INTRODUÇÃO

As comemorações do "Brasil 500" anos tomaram espaço em toda a mídia brasileira. A imagem vendida em forma de mito, especialmente ao exterior, é de um povo que pouco trabalha e tudo festeja, povo que é apático aos acontecimentos do dia a dia. Esse rótulo mitológico de povo dócil e afeito ao "jeitinho" vem sendo transportado de século em século. Levada muitas vezes por essas fantasias, grande parte do povo aguarda as comemorações, faz de conta ou é conduzida ideologicamente a pensar que pouco se tem a resolver nessa terra de miscigenados e discriminados.

Essa imagem de Brasil 500 anos pode ser comemorada por aqueles que não consideram a história de nossos antepassados, que remonta a, provavelmente, 40 mil anos, de um povo que, a partir de 1500, foi levado para a barbárie da doença, da exploração, da escravidão e da morte. A esse habitante nativo só restou a miséria, a morte e a discriminação. Que tem ele a comemorar nesses 500 anos?

O trabalho servil desaparecia na Europa, mas os europeus recriaram a escravidão em suas colônias. A burguesia portuguesa queria grandes lucros, capturando e vendendo índios, primeiramente, e negros, posteriormente, aqui utilizados como escravos em toda a produção. O Brasil é um país fundado sobre o trabalho forçado e o comércio de gente. Os negros estavam por toda parte: na lavoura, nas cidades, dentro de casa, nas senzalas, fugidos no mato, prestando serviços nas grandes cidades, exercendo ofícios especializados. A seus descendentes, que comemorar se tanto tempo foram escravos e hoje, discriminados, compõem as periferias e favelas? Também aos europeus, excluídos de seus países e forçados à atravessar o Atlântico para trabalhar em terras tão distantes, que resta comemorar?

A data de 22 de abril de 2000, reflete-se naquele 22 de abril de há 500 anos atrás, em que um grupo armado de portugueses desembarcou nestas terras, com a meta de anexá-las ao território colonial, num ato de mera tomada de posse, já que em 1494 pelo Tratado de Tordesilhas, recebeu Portugal as 370 léguas a oeste de Cabo Verde.

2 REVENDO A QUESTÃO DOS MITOS

Os mitos, psicologicamente, são instrumentos de crença para os que os aceitam e por eles pautam a sua vida. A crença essencial do mito explica-lhe a efetividade num determinado contexto cultural. Para quem acredita, o objeto da crença deixa de ser mitológico. Segundo Bidney (apud Patai, 1984, p. 37),

o mito não existe por si mesmo. (...) A narrativa, a tradição ou explicação em que determinada sociedade acredita supõe que, de fato, isto é, do ponto de vista de quem emprega o termo mito, esses itens de crença são falsidade.

O que consideramos mitos na cultura grega, corresponde a narrativas religiosas bem aceitas, que lhes validavam os ritos sacros. Foi a forma de contar sua história. Na atualidade é preciso combater as crenças seculares prejudiciais, destituídas de fundamento científico, como as de tipos raciais ou nacionais. É preciso distinguir estes estereótipos do conceito de mito, que se tornam perniciosas manifestações de opinião mal orientada. Nem sempre, porém, o mito é igual à falsidade. Alguns mitos presentes em muitas culturas são ricos, pois relatam, de alguma forma, a mundivivência de um povo.

Na visão do antropologista Malinowski (apud Patai, 1984, p. 84),

o mito não é uma explicação que satisfaça o interesse científico, mas a narrativa de uma realidade para satisfazer necessidades religiosas, anseios morais, submissões sociais e até requisitos práticos. Um mito desempenha na cultura primitiva uma função fundamental, pois expressa, acentua e codifica a crença, reforça a moral, dá regras práticas para orientação do homem.

O mito torna-se instrumento pragmático de fé primitiva e de sabedoria moral. Segundo ele, toda prática mágica, cerimônia, ritual, tem sua crença narrada em relatos de precedente concreto, que são os mitos.

Sobre a importância do mito para a humanidade em geral, o filósofo alemão Walter Otto (apud Patai, 1984, p. 45) diz que

a existência das próprias coisas se revela ao homem nos fenômenos iniciais da imagem e do mito. Revela-se o mito como algo divino. Ele é talvez a mais enfática formulação da concepção do mito adotada por muitos estudiosos modernos de religião. Um mito, então, é a linguagem do símbolo religioso, visto como o mais profundo e autêntico meio de expressar a compreensão e a crença religiosa.

Um mito de um modo geral é compreendido como uma história sobre coisas fabulosas, que podem conter um significado mais profundo. Os mitos tiveram significado, quando os gregos principiaram as histórias transmitidas a respeito dos deuses e do surgimento do mundo.

A mitografia foi a primeira forma de historiografia, e os seus temas favoritos eram os primórdios da história. O retorno aos primeiros tempos é característica da mitologia. Segundo Karl Kerényi (apud Patai, 1984, p. 67),

é o retorno e a origem ao tempo primeiro. O mito regressa aos primórdios e os reconta, não por amor de um interesse histórico acadêmico, nem por causa da curiosidade intelectual que hoje motiva a pesquisa arqueológica e pré-histórica. O historiógrafo mítico escreve ou fala sobre grandes, graves, proféticos e decisivos acontecimentos, pertinentes ao aqui e ao agora, talvez porque aconteceram em tempos tão distantes e continuam a influenciar no destino do povo.

Sobre a criação do mundo ou origem do universo, nos últimos anos, muitas teorias surgiram: é a área científica tentando explicar e justificar a origem. O início da era espacial e a possibilidade de alcançar outros planetas do sistema solar e outras estrelas fez aumentar o interesse sobre o universo. Possivelmente, as teorias cosmogônicas recém-formuladas estão mais próximas da verdade, comparadas as teorias anteriores. Um grande avanço científico vem contribuindo para o encontro de uma resposta mais adequada.

Atualmente, não restam dúvidas de que nenhuma das histórias contidas na mitologia, sobre a origem do universo, explique o surgir das vidas. O livro do Gênesis, mostra a criação do mundo em seis dias. Esse mito foi significante e ainda o é para muitas pessoas. O ignorar da ciência e da razão, por muitos séculos, e especialmente a informação da igreja, faz com que este mito ainda seja tomado como verdadeiro.

Em todas as culturas existem exemplos para ilustrar a função central do mito. O mito do sacrifício feito por Deus, o Pai, de seu Único Filho gerado para a redenção da humanidade é uma história de origem: conta a redenção do filho e como o cristianismo surgiu. E conta-se, não apenas uma história de significação histórica como, por exemplo, a queda do império romano, mas também como o cristianismo surgiu, acontecimento que diz respeito a todos os cristãos, em todos os tempos.

O acontecimento histórico reside numa realidade objetiva, enquanto que o acontecimento mítico é uma realidade subjetiva. A queda do império romano ou o descobrimento da América podem ser julgados de modos diferentes, mas a ninguém é dado duvidar da realidade dos sucessos mencionados nesses termos. Há provas de que isso aconteceu. Podemos desconhecê-los, mas, depois que são trazidos ao nosso conhecimento, passam a fazer parte, automaticamente, da realidade objetiva do nosso mundo.

Uma ocorrência mítica pode ser uma realidade tão viva como jamais o seria um acontecimento histórico.

Em muitos casos, os mitos têm um cerne histórico. De outro lado, também, as tradições históricas podem assumir e assumir formas míticas e sobrevivem como mitos por muito tempo depois que a lembrança do próprio fato histórico caiu no esquecimento. Psicologicamente é compreensível que uma transformação assim venha a ocorrer.

A idéia de que os mitos apresentem os acontecimentos históricos deformados é antiga. Entretanto, a investigação erudita dos mitos com o propósito de isolar o sedimento histórico que possam conter é um modo novo de encarar os estudos mitológicos.

Visto que a história nos deixa praticamente no escuro quanto à origem da cultura minóico-micênica, talvez se justifique a tentativa de interpretação dos mitos de sua origem. E assim esse mito de origem tem um cerne histórico e registra tradições históricas em forma mítica que pode não ser verdadeira, mas se considera como verdade histórica, dentro do período formativo ou primitivo da sociedade.

Uma aparente dificuldade encontrada em qualquer tentativa para estudar os mitos de origem como reformulações míticas da história é que muitos mitos de origem, como outros tipos de mitos, aparecem em várias versões, que acabam se contradizendo. Cada um desses relatos, apresentados por fontes diferentes, assume o colorido de certo conjunto de idéias, ponto de vista e intenções.

A história do universo e do homem, tornou-se mito pela forma como foi relatada. Essas observações, para o nosso mundo moderno, residem no fato de continuarem operando os mesmos processos de metamorfose que transformaram a história em mito. Podemos ver as mesmas forças operando na transformação dos fatos históricos de vidas individuais em relatos míticos e na conservação de figuras reais de homens que desempenharam certos papéis na história moderna em imagens míticas, assim que a sua morte permita tais metamorfose.

Thomas Mann (apud Patai, 1984, p. 76) afirma que

outros estudiosos e historiadores, dotados de inspiração poética, mostraram que grandes protagonistas da história humana se sentiram inclinados, nas horas cruciais de sua vida, a identificar-se com determinados protótipos históricos.

Napoleão, por exemplo, em suas façanhas orientais, confundia-se miticamente com Alexandre; ao passo que, ao voltar o rosto para o ocidente, teria declarado: eu sou Carlos Magno. E assim já era na antiguidade. Os biógrafos de César estavam convencidos, com ou sem razão, de que ele tomava Alexandre por protótipo. E, quanto a Alexandre, este caminhava nos rastros de Milcíades, general ateniense que derrotou os persas em Maratona.

O mito de Dionísio serviu, portanto, de precedente e protótipo para um dos rituais mais cruéis e bárbaros da antiga Grécia. Serviu também, para alguns dos maiores feitos da história, a começar por Alexandre, o maior herói do mundo dos gregos. Tornou-se exemplo para Júlio César em Roma e, muitos séculos depois, para Napoleão um herói da revolução francesa.

Não é apenas um mito preexistente que pode influenciar as pessoas. A necessidade psicológica de um mito é capaz de servir de justificativa para o procedimento fora do comum. É certo que as pessoas criam novos mitos que as satisfaçam. Às vezes, esse propósito é logrado, e a necessidade psicológica satisfeita, emprestando-se características míticas a um indivíduo histórico real, como Alexandre na antiguidade ou Che Guevara, Alcapone em nossa época. Muitas vezes o personagem mítico é inventado a exemplo de Mickey Mouse. Em ambos os casos, o personagem mítico serve com a mesma eficácia e faz uso do poder para afeição seguidores à sua imagem.

Os mitos continuam sempre explicando o que era e o que será. Por exemplo, o surgimento do universo, o fim do mundo, o apocalipse, continuam presentes em nossa história. O mito, explicação histórica em tempos remotos, hoje, tem caráter ideológico, instaurado pelo poder e consubstanciado pela mídia.

3 A LINGUAGEM DOS 500 ANOS NA MÍDIA

Do ponto de vista da linguagem, os 500 anos foram mostrados de diversas maneiras pela mídia. Numa visão de classe dominante, esta linguagem foi estendida a todos os segmentos sociais, linguagem única, mostrando o ponto de vista dos privilegiados. A mídia ocultou o lado negativo dos 500 anos, colocou máscaras em suas apresentações. Enquanto deveriam ser os europeus festejando seus lucros obtidos aqui, são os brasileiros que comemoram, agradecidos por terem sido explorados.

Como vivemos numa sociedade capitalista, os objetivos dessa "comemoração" foram dirigidos com a idéia forte de comprar algo, como: roupas, relógios, livros, revistas; fazer festas e viagens. Como se os 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, fosse objeto de consumo e de festas.

A forte linguagem da compra e venda de várias mercadorias fez desaparecer os momentos de reflexão, de recuperação da identidade de um povo que foi humilhado, escravizado, torturado e morto, sem ter oportunidade de usufruir dos direitos mínimos da dignidade humana.

As propagandas com o emblema "Brasil 500 anos" tiveram uma linguagem bem criativa. A mídia procurou não deixar espaços para mostrar a organização do povo, fez o uso dos vários signos como forma de dominação.

Numa linguagem poética, a televisão, especialmente a Rede Globo, prendeu por sentimentos, envolveu as emoções dos telespectadores. A frase: "Bahia, o Brasil nasceu aqui", incute a idéia de que o Brasil começou a 22 de abril de 1500.

Numa linguagem conativa, o uso dos verbos no imperativo tais como: compre, ligue, faça, formaram grandes chaves para "prender" as pessoas a determinados objetos e acontecimentos.

Numa linguagem referencial, o nível das reportagens dos documentários mostrou a ideologia dos dominantes. O discurso contado do ponto de vista dos que estão no poder. Os fatos não se narram em si mesmos, são narrados por um certo autor, para um certo público. A forma como o discurso é utilizado pode dar outro sentido ou há variações de sentidos, ele determina o que pode e o que deve ser dito a partir da questão política, social, religiosa de um certo contexto histórico e social.

Numa visão metalingüística da história, mostraram-se os acontecimentos a-históricos e a-sociais, enaltecendo os privilegiados do sistema que, em seus depoimentos, ocultaram o lado negativo dos 500 anos e representaram determinados setores da sociedade.

As linguagens, em formas diversas, não aparecem como instrumento de comunicação ou de transmissão de informação, mostrando os vários pontos de vista e as várias versões da história, mas como lugar, espaço de ideologia dominante.

Por outro lado, observa-se que a tomada de decisão do presidente, que tentou impedir as manifestações organizadas por índios, sem-terra e outros segmentos populares, para o dia 22 de abril de 2000, não ocultou que nem todas as classes estão de braços cruzados diante dos acontecimentos que são promovidos pela mídia ou por outros setores da sociedade.

4 500 ANOS : PARA QUEM?

500 anos é mais um mito contado a partir da história dos dominadores. "Mundo novo", "homem novo", tudo a partir da chegada européia em terras americanas. Esses 500 anos são analisados de acordo com uma visão de história contada pelos vencedores, que endeusaram heróis, que criaram personagens de pura fantasia. Enquanto se conta a história do ponto de vista dos conquistadores, por sua vez, vencedores, todos os demais segmentos ficam à mercê dos registros.

A grande prova desse mito são os 500 anos em festa, ignorando uma história de 40 mil anos e, ainda, continuando a massacrar os que construíram e foram espoliados nesse meio milênio. A brutalidade do genocídio indígena capitaneado pela empresa colonial é responsável pela extinção de povos inteiros. A barbárie da sociedade escravocrata que espoliou os povos africanos, sacrificando e desagregando famílias e comunidades. A crueldade atroz vitimou e vitima quotidianamente os setores populares, marca a sociedade brasileira muito desigual.

Os 500 anos, para índios, negros e entidades que participam de uma história sem mito ideológico, produzem a leitura de um lugar bem definido, o dos que sofreram e lutaram contra a exploração colonial e a exploração de classes: dos condenados da terra, das periferias das cidades e da história oficial.

A história escrita pelas classes dominantes coloca-os como vencedores, como personagens heróicos de uma versão de mentiras. A verdadeira história vivida é diferente se contada pelos indígenas, pelos negros, pelos setores populares explorados e excluídos.

Aqui viviam, provavelmente, em torno de 5 milhões de pessoas pertencentes a cerca de 970 diferentes povos. Eram os legítimos donos, possuidores de tudo, menos de anticorpos para as doenças européias, de armas mortais à base de pólvora e chumbo, do impulso de violência, exploração, depredação e saque. Disso, eram portadores privilegiados os homens daquele grupo que desceu na praia da hoje Cabralia, sul da Bahia, cinco séculos atrás, dizendo que estavam "descobrimo um novo mundo" e que para estas terras, trariam seus ideais de civilização, progresso e evangelização.

Naquele dia, foi dado início à expansão do velho mundo nestas terras, através da brutalidade letal e organizada, pronta para projetar-se contra tudo e contra todos os que estivessem em seu caminho. Aquele 22 de abril foi um dia mítico, matriz de uma história violenta e desumana, que continua até nossos dias. Desde o início da colonização, a miscigenação foi intensa. O pequeno número de mulheres brancas entre os portugueses levou-os a se relacionarem com índios ou escravas negras, na maioria das vezes, à força, dando origem ao mameluco, cafuzo, mulato.

O povo brasileiro é descendente de uma mistura de nativos de portugueses, de escravos africanos, de colonizadores holandeses, franceses e de outros que vieram ao Brasil. Nos séculos XIX e XX, compuseram a população, os imigrantes alemães, italianos, poloneses, japoneses e outros, acrescentando novos elementos a essa cultura.

A imigração, oficializada no início do século XIX, visou à ocupação do território e à disponibilização de mão-de-obra, ao lado do interesse em branquear a pele da população, na época, majoritariamente negra. Ideologicamente, o "branqueamento" opõe a associação do negro a tudo o que é ruim, feio, sujo, enquanto o branco inclui tudo o que é bonito, limpo. Assim, o cabelo do negro é ruim a cor da pele é uma sina, a beleza é impossível para o homem e a mulher negra. Moralmente, o negro é suspeito, negro "suja", a religião do negro é inferior e demoníaca, as crianças negras acham que nasceram na família errada. Nos livros de escola, o negro serve para mostrar que era escravo, o trabalho do negro é pior, a mulher negra fica na cozinha, a mulata esbanja sensualidade, é desejada, mas não amada. É a humilhação, comum a muitos

pobres pela situação de opressão e exclusão que se torna segregação ou apartheid social.

Um país com tantas marcas de discriminação, fruto dos últimos 500 anos de história, que tem a comemorar? O povo tem que entender esses quinhentos e os demais quinhentos antes de 22 de abril de 1500. E o que na verdade representam esses últimos quinhentos, após o início da dominação dos portugueses, dos espanhóis, dos norte-americanos e de outros, é observar, enfim, que a dominação está presente, que vivemos numa nação dependente, aberta à dominação de potências, sempre pronta a entregar uma fatia de seus bens.

Mesmo assim, parte da população resolve festejar. Comemorar a massa indígena, perto de trezentos mil, relegada à miséria do esquecimento? Comemorar não termos ainda redimido o povo negro da marca da escravidão? Comemorar nossa posição no mundo periférico, marginal? Comemorar a cobiça de nossas riquezas que possibilitaram o desenvolvimentos de nações da Europa? Comemorar a grande concentração de renda nas mãos de poucos e a miséria da maioria?

Não é possível concordar com uma história cheia de mitos, escrita pelas classes dominantes, cujos ditames prevalecem. É preciso a verdade dos setores populares que, durante toda a nossa história, lutaram para mudar o seu curso, na busca de uma sociedade justa. Os setores populares foram os protagonistas maiores da nossa recente luta contra a ditadura militar e contra a implantação, entre nós, do modelo neoliberal. A luta pela reforma agrária, contra o desemprego em massa são dois de seus combates maiores, no rumo da construção de uma nova sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a difícil constituição da sociedade brasileira nesses quinhentos anos, a violência sempre permaneceu, mudando de forma. De igual maneira, os exemplos de generosidade, criatividade e de vontade de construir um território livre e uma sociedade justa sempre existiram, entre os indígenas, negros escravizados e setores populares.

É a prevalência dos anseios dessas minorias, expressa em descontentamentos e lutas, que nos dão exemplos lógicos de que é possível transformar a vida e a sociedade em benefício de todos.

Infelizmente, grande parte da história ensinada ainda não confere importância às experiências da grande massa do povo. Quando é planejada, uma comemoração de quinhentos anos de Brasil, cuja ênfase está referida na chegada dos portugueses, devemos reconhecer que, de certa forma, foi anulando todo o contexto de uma história precedente à colonização lusa.

São quinhentos anos de dominação e exploração. Hoje continuamos nas mãos de uma economia globalizada, em que muitas empresas estatais foram e estão sendo entregues ao mercado privado internacional, no chamado neoliberalismo, nada mais do que uma forma disfarçada e poderosa de dominar as riquezas.

Celebrar, festejar é bom, mas é melhor quando os motivos são reais e não se deram sobre injustiças. Não são raros os fatos realmente dignos de comemorações: a luta vitoriosa dos negros pela liberdade e hoje pela igualdade; as conquistas das mulheres em meio a um machismo forte impregnado na sociedade brasileira; vários grupos de movimentos de juventude que não se calam frente às situações de injustiças da sociedade brasileira em sua história passada e presente. O movimento dos índios para manter sua identidade, o movimento dos sem terra, querendo a reforma agrária e condições de trabalhar a terra.

A história dos 500 anos que a mídia quis celebrar, não é a da maioria dos brasileiros. Isso é mais outra máscara criada pelos dominadores, que pretendem anular todas as formas de lutas de classes.

Comemorar, sim, com as lutas que deram certo e continuam dando, para mudar questões estruturais políticas e econômicas.

Para muitos brasileiros, que os quinhentos anos ocupem um espaço de reflexão e de conhecimento do processo histórico até o presente. Que abram novos caminhos para uma sociedade comprometida com as classes inferiorizadas. A mestiçagem, na formação do povo brasileiro, é muito rica, deve servir para melhoria da sociedade. A nação brasileira vive ainda de preconceitos, que muito atrapalham na definição de um orgulho nacional mínimo.

Escritores, mídia, historiadores, devem aproveitar esse evento para uma análise mais detalhada da história passada. É uma oportunidade para crescer e melhor retratar esse país. Devem servir para a defesa de uma vida cidadã, de um conhecimento, ampliando esferas democrático-participativas.

O estado, junto à sociedade civil, necessita de cidadãos, de ações sociais de organização, de propostas e ações criativas, diante das atuais investidas para desmobilização e paralização do refletir, pensar e agir. Só essa soma de objetivos comuns de cidadania propiciará experiências inovadoras que, elas sim, dizem respeito ao descobrimento, à implantação de direitos, aos deveres e conquistas iguais para todos.

BIBLIOGRAFIA

1. BRANDÃO, Junito de S. Mitologia grega I. São Paulo : Vozes, 1994
2. BURKE, Peter. A fabricação do rei: a construção da imagem pública do rei Luiz XIV. São Paulo: Jorge Zahar, 1986.
3. _____. A nova história, seu passado e seu futuro. São Paulo : Jorge Zahar, 1986.
4. CASSIER, Enerst. Linguagem e mito. São Paulo : Perspectiva, 1994
5. DEBATES Contemporâneos "Outros Quinhentos". Rio de Janeiro: n. 3, edição 2000.
6. ORLANDI, Eni P. A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1996.
7. PATI, Rafael. O Mito e o homem moderno. São Paulo: Cultrix. 1984.
8. SCHWARCZ, Lilian Moritz. Uma história de diferenças e desigualdade : as doutrinas raciais do século XIX. São Paulo : Cia das Letras, 1993.
9. THEODORO, Janice. Pensadores, exploradores e mercadores. São Paulo : Scipione, 1994.
10. VEYNE, Paul. Acreditavam os negros em seus mitos: ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Brasiliense, 1984.
11. ZUMBI mostra a tua cara: negros, índios e brancos misturados. Super Interessante, v. 9, n.11.

